

SESSÃO DE HOMENAGEM À MEMÓRIA DO BASTONÁRIO ACÁCIO FURTADO (*)

I

PALAVRAS DO BASTONÁRIO

por Pedro Pitta

Presados colegas

Minhas Senhoras e meus senhores:

Quando — vai em dez anos — pela primeira vez assumi esta presidência, apenas estavam feitos os elogios históricos de dois antigos presidentes da Ordem — os dos Drs. Vicente Monteiro e Domingos Pinto Coelho. E, no entanto, outros haviam falecido; um deles — Martins de Carvalho — muito tempo antes. E todos tinham posto ao serviço da Ordem a sua inteligência, o seu saber, a sua dedicação.

A Ordem era-lhes devedora, portanto, e só tinha, para satisfazer de algum modo este débito, uma moeda: promover a realização dos elogios históricos, onde fossem afirmados os seus merecimentos e virtudes, para que a letra de forma podesse dar aos vindouros o conhecimento do que foram uns e outras.

Na verdade, a vida humana, frente à duração do Mundo,

(*) Realizada na Ordem dos Advogados em 17-III-1966.

é ainda menos que o fogo-fátuo na noite escura: uma centelha de luz que, no mesmo instante, brilha e se apaga; e na memória dos homens, com duração menor do que a deles próprios, diluem-se e vão-se apagando-se as recordações até desaparecerem completamente.

Grandes presidentes, além de grandes advogados, foram, sem sombra de dúvida, Vicente Monteiro e Martins de Carvalho, os primeiros que ocuparam esta presidência; e, no entanto, bem poucos já, dos que ainda vivem, fazem completa ideia de quem eles foram.

Alguns, nem sabem ligar os nomes às pessoas, a maioria desconhece quanto eles valeram como advogados e como presidentes. Não foram seus contemporâneos, não os conheceram, não tiveram a dita de apreciar-lhes os talentos, de receber os seus ensinamentos.

Por isso mesmo, constituiu umas das minhas primeiras preocupações promover os elogios históricos dos outros presidentes também falecidos.

Em sessões solenes que recorro com verdadeira emoção, foram realizados e constitui, cada um desses elogios, excelente peça literária. O de Martins de Carvalho, fê-lo o Dr. Azeredo Perdigão — um grande advogado enaltecido por outro grande advogado; o Prof. Palma Carlos, que foi presidente desta Ordem, fez, primorosamente, o do Prof. Barbosa de Magalhães; os Drs. Constantino Fernandes e Heliodoro Caldeira, em discursos magníficos, honraram Mário Pinheiro Chagas e Carlos Pires; e têm de considerar-se excelentes os elogios históricos de Catanho de Menezes e Moraes de Carvalho, realizados pelos Drs. Fernando Calixto e João Paulo Cancellia de Abreu.

A todos estes, que à morte haviam pago o seu tributo, a Ordem, fazendo-os reviver nas homenagens que lhes dedicou pôde salientar-lhes o valor e afirmar gratidão pelos serviços que lhe prestaram.

Supunha ter, nessa parte, cumprido completamente a minha missão, pois ficavam, assim, realizados os elogios históricos de todos os presidentes falecidos.

Ultimamente, porém, em mais um se extinguiu a vida: o Dr. Acácio Ludgero de Almeida Furtado.

Eu tinha, além de todas as razões já declaradas, uma outra para querer promover a realização imediata do seu elogio histórico. Ele foi, com efeito, um grande da Advocacia; um excelente Presidente; um perfeito homem de bem. A par — não me atrevo a dizer acima — de tudo isto, está a circunstância de ter eu feito parte do Conselho Geral a que ele presidiu.

A Ordem inicia no corrente ano os trabalhos do Instituto da Conferência, realizando o elogio histórico do seu presidente no triénio de 1942 a 1944.

O Dr. Acácio Furtado foi sempre cem por cento advogado. Penso que nunca desempenhou qualquer outra função e só assim explico que, tendo uma tão grande advocacia, pudesse exercê-la nos termos em que a praticava.

Na realidade, para ele não havia questões importantes e questões pequenas. Todas eram grandes, todas eram importantes, a todas prestando a maior dedicação e todo o cuidado.

Tive sempre a preocupação de considerar vedado, não me intrometendo nele, o campo de acção do colega a quem confio o encargo de fazer o elogio histórico do homenageado. Não faria sentido, na verdade, que o confiasse a outrém e, antecipando-me, o realizasse eu próprio.

Tenho-me sempre limitado a utilizar certos factos em que fui também actor ou comparsa; casos profissionais em que ambos interviemos; acidentes da vida profissional por nós compartilhados.

O mesmo farei agora.

Litigámos em campos opostos várias vezes. Nesta profissão — como, aliás, em todas as profissões liberais — começa-se a vida normalmente com diminuta clientela; subindo, atinge-se o ponto máximo; e acabamos, sempre, descendo até voltarmos ao ponto de partida. E — já o ouvi assim definir — o que se representa por um vê, posto ao contrário.

Acácio Furtado quando eu, em 1931, comecei a advogar em Lisboa atravessava o período alto na profissão.

Ao tempo, as questões comerciais eram julgadas com intervenção do júri. Este era formado por comerciantes e muitos destes eram clientes seus.

Por muito mal que se tenha dito do júri, nunca vi decisões suas que representassem favor. Sinto prazer em prestar-lhe esta homenagem, não acamaradando com os que o acusam e procuram desmerecê-lo.

Nas várias questões que debati com Acácio Furtado, nunca assisti a decisão que lhe fosse favorável em virtude da simpatia dos jurados, seus constituintes ou não.

Encontrámo-nos em campos opostos em vários processos, com resultados favoráveis umas vezes para ele, outras para mim.

Não pode dizer-se que ele era brilhante. Dizia bem, sem preocupações de oratória, quase como em conversa. Mas tinha a grande qualidade de aproveitar todos os elementos que o processo podia fornecer-lhe, mesmo alguns aparentemente insignificantes, utilizando-os com perfeita argumentação e sempre com a maior clareza.

Na primeira vez em que, como advogado da autora, o defrontei como patrono do réu, estava preocupado, receoso. Confesso-o.

Cheguei a falar-lhe em acordo, no desconhecimento da sua repugnância pelos acordos.

— Não senhor — retorquiu-me. Ou tenho direito, ou não tenho. Se não tenho, não aceito tomar conta da causa; se tenho, não a parto ao meio.

Eu havia posto a acção com a maior simplicidade. Tratava-se, com efeito, do pedido de um pagamento da quantia que representava o preço de certos materiais fornecidos para uma grande reparação de casa de espectáculos.

As questões por ele levantadas na contestação, creio ainda hoje serem todas as que são possíveis em acções desta espécie, que fui forçado a encarar e a rebater.

No dia do julgamento, antes deste começar, tive a infelicidade de voltar a falar-lhe em acordo.

Lançou-me um olhar duro — ia a dizer colérico — e respondeu-me, desabrido:

— Acordo?! Já lhe disse: para mim ou tenho razão, ou não tenho. Por consequência, é o tudo ou o nada.

Quando, no final, foram lidas as respostas do júri todas favoráveis à sociedade minha constituinte, olhei-o a sorrir e disse-lhe:

— Afinal, foi nada...

— É o que vamos ver. Só a última decisão do Supremo me convencerá.

Efectivamente, a acção só viu o fim com o acórdão do Supremo, que negou a revista!

A correcção que mantivemos através desta e das outras questões em que fomos antagonistas, fizeram de nós amigos.

Essa amizade deve explicar, em grande parte, a minha participação no Conselho Geral a que presidiu.

Acácio Furtado era o que pode chamar-se um grande lutador. O seu corpo forte, de ombros largos, sempre de braços meio arqueados, cabeça levantada, pisando com força, mostrava-se tal qual era — o lutador de todos os instantes, o permanente lutador.

Afirmava-se, no físico como no moral, integrado na grande luta que é a vida, a que só a morte põe termo.

Era como que o símbolo dessa vida em que a humanidade se debate desde a origem.

Na verdade, o mundo vive em constante luta. Sempre viveu; mas, em cada novo dia que surge, essa luta é mais violenta, talvez mais feroz, sobretudo se tivermos presente os meios que se inventam para mais rapidamente destruir.

Já foram ultrapassados os canhões e as metralhadoras. Agora são os foguetões e as bombas atômicas, com potência — uma só delas — para destruir cidades inteiras, com todos os seus habitantes.

Luta o ocidente contra o oriente; o comunismo contra o individualismo; os africanos e asiáticos contra os brancos; os

liberais contra os fascistas; os defensores do direito contra a opressão e a violência.

Luta-se por um lugar na vida e até para a conquista do pão de cada dia.

O destino do homem é, pois, lutar; lutar sempre.

Mal nasce, luta pelo alimento; chora, braceja — é a sua forma de o pedir; e pela vida fora luta na procura do trabalho; na busca da erudição, na ocupação que há-de proporcionar-lhe os meios de viver; luta na defesa do seu ideal; luta sempre, afinal, já que, pelo simples facto de viver, está condenado a lutar.

As colectividades, por serem constituídas por homens, estão sujeitas ao mesmo destino.

Os Estados preparam-se para agredirem ou defenderem-se de outros Estados; os defensores de determinado ideal arremetam-se para lutarem contra os que defendem ideias contrárias.

De aí, as discussões, as lutas, as guerras — todos os males de que a humanidade sofre.

Todos os males e todo o bem, pois é nas lutas e pelas vitórias alcançadas que ela tem conseguido conquistar, umas após outras, as regalias e os direitos de que goza.

A liberdade — esse bem inegalável de que disfruta; o grau de civilização que atingiu; todos os progressos que fez e que melhor se vêem na comparação com a vida selvagem que era primitivamente a sua — tudo tem alcançado na luta em que, dia a dia, se vem empenhando.

Não vale, portanto, querer mal a essa luta para a qual — parece — o homem foi criado.

Na nossa Ordem, luta-se também. Pelo Direito e pelos direitos dela e dos seus componentes.

É a sua finalidade.

Mas só. Entre os que a compõem, há monárquicos e republicanos; crentes e livres-pensadores, liberais e tradicionalistas; socialistas e talvez também comunistas.

Nunca, porém, esta diversidade de opiniões deu origem, aqui dentro, a lutas políticas, sociais ou religiosas.

Nos seus quase 40 anos de vida, sempre assim tem sucedido. E ainda bem.

Toda a energia tem sido reservada para a luta contra os que pretendem desrespeitar os seus direitos e, nesta, é como se todos fossem um só. Desaparecem as divergências de pensar; não há uma voz discordante.

Isto revela, além do mais, a grande correcção, a recíproca tolerância de todos os que fazem parte dela.

E é por isto mesmo que a nossa Ordem é respeitável e efectivamente é respeitada.

Saber lutar é, porém, alguma coisa mais do que simplesmente lutar. Há casos e circunstâncias que impõem reflexão e ponderação, em que a coragem consiste em saber não reagir.

Acácio Furtado, durante a sua presidência foi vítima de uma campanha.

Alguns, embora poucos, atacavam-no.

Não por divergência de princípios ou de simples conceitos, mas pelo propósito de injuriar, inventando-se episódios jocosos no intuito de diminuir a sua personalidade.

Razão, ou simples pretexto, não tinham, em verdade; mas isso não importava aos que a faziam.

Com tal objectivo, chegaram a publicar um livro.

Por vezes nós, os que compunhamos o Conselho Geral, pretendemos que se reagisse com dureza.

Opôs-se sempre, sempre.

De uma delicadeza inata, bem educado, mantinha em todas as circunstâncias absoluta calma e nunca respondeu.

— O mau procedimento — dizia — fica com quem o tem. Nesta função temos de dar o exemplo da ponderação e da calma. O ataque injusto reverte a quem o faz. Não nos coloquemos em pé de igualdade com esses.

Esta atitude foi por ele invariavelmente mantida. Imperturbável, conservou-se alheio à campanha, invulnerável ao ataque. O livro, nunca o leu.

Compreendo-o hoje, bem melhor do que então. É que, se contitui honra tão grande, que reputo a maior por mim recebida numa vida que não foi avara nas que me concedeu, não é menos certo que é pródiga também nas preocupações e nos cuidados que proporciona, impondo a maior ponderação.

Guardo a melhor lembrança desse período da minha vida, da nossa vida. E conforta-me nunca lhe ter faltado com a mais leal colaboração, nem regateado absoluta solidariedade.

Ao invocar esta colaboração, permito-me recordar um acontecimento que teve, ao tempo, certa importância.

Chegara a Portugal, para ocupar o posto de embaixador do Brasil, o Dr. João Neves da Fontoura, político categorizado, grande advogado, excelente orador.

Informara-nos ter sido encarregado pela Ordem dos Advogados brasileiros de trazer uma mensagem para a Ordem dos Advogados portugueses, que desejava entregar-nos em sessão solene.

Das negociações que logo se iniciaram, resultou ficar designado o dia para tal entrega, e eu tive a honra de ser escolhido para saudar o embaixador e apresentar-lhe agradecimentos.

Desempenhei-me dessa missão o melhor que me foi possível.

Rodaram os anos, os meus cabelos, que eram pretos, embraqueceram; abriram-se rugas na minha face; as mãos, que eram firmes, tremem às vezes. É muito longo, na verdade, o tempo que mediou de então até ao presente e eu, nessa altura, já ultrapassava, em anos, o meio cento.

Apesar de tudo, conservo bem vivas as palavras que ouvi ao meu presidente de então e dos seus braços a apertarem-me fortemente contra si.

A vida é farta em proporcionar-nos horas más; ou de contrariedades, de canseiras, de aborrecimentos, até de desgostos.

É certo. Mas dá-nos, por vezes, em compensação, dias de que nos recordamos agradavelmente enquanto vivemos.

Destes, alguns me foi dado viver na época que venho a invocar.

O elogio histórico do Dr. Acácio Furtado vai ser feito pelo distinto colega Dr. Rodolfo Lavrador.

Advogado cheio de talento, é de esperar que o faça com grande brilho.

Conhecia-o há muito, quando, há anos, lhe confiei o encargo de representar a Ordem, na assistência que ela resolvera dar a um colega injustamente processado por actos praticados no exercício da profissão.

Todos nós, advogados, havíamos sentido essa injustiça, para não chamar-lhe simplesmente violência.

Em assembleia especial, para tal fim convocada, havíamos assentado na concessão dessa assistência, e eu tinha de escolher o colega que representaria a nossa Ordem no processo.

Acudiu-me imediatamente o nome do Dr. Rodolfo Lavrador, que eu sabia ser mestre na matéria.

Ao convite que lhe dirigi, respondeu-me prontamente aceitando-o.

A forma como se desempenhou do mandato, todos a conhecem.

Os trabalhos que apresentou no processo são, sob todos os pontos de vista, magistrais.

O Dr. Lavrador, se não fosse já consagrado como bom profissional do fôro criminal, ficaria a sê-lo desde então.

Reconhecendo este excelente serviço por ele prestado à Ordem e a todos nós, entendi convidá-lo para fazer parte do Conselho Superior quando, em virtude da reforma do Estatuto Judiciário, tive de completar aquele Conselho.

Deu-me a grande satisfação de aceitar o meu convite e tenho o prazer de reconhecer que não me enganei ao confiar-lhe aquele cargo.

O Dr. Rodolfo Lavrador, que é um grande advogado, vai, pois, fazer o elogio de quem foi um grande na advocacia e na presidência desta Ordem.

Não hesito em afirmar que o elogio manterá em altura o elogiado e o elogiante.

Sem mais demoras, vamos ouvi-lo.

Mas não antes que eu, recordando essa figura do fôro português que foi presidente desta Ordem, aqui afirme a minha alta consideração pela sua memória.

E, tal como li há pouco definida a palavra saudade, por «achar menos» — também eu acho menos a sua presença ao afirmar a minha grande saudade.